

Oferta

-0. NOV. 1991

132A

ANO I—N.º 5—19 DE JUNHO DE 1941—PREÇO: 1 ESCUDO

# Vida **MUNDIAL** Ilustrada

**SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES**



O JARDIM BOTÁNICO serviu, há dias, de cenário a uma lindíssima festa promovida por uma comissão de senhoras a favor da Casa de Repouso dos Intelectuais e Artistas. Nela se exibiram, em números de dança rítmica, as alunas de Madame Sosso Doukas Schan. A foto mostra-nos uma atitude de duas delas— Vera Klebanowski e Astrid von Loehr—na interpretação duma peça de Beethoven, verdadeira maravilha de arte coreográfica que a elegante assistência aplaudiu.

**Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844**

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES  
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES  
FERREIRA DE CASTRO  
PROF. DR. HERNANI CIDADE  
GENERAL FERREIRA MARTINS  
DR. LOPES DE OLIVEIRA  
MANUEL L. RODRIGUES

LUIZ TEIXEIRA  
ASSIS ESPERANÇA  
DR. SOUSA COSTA  
ROBERTO NOBRE  
DR. CASTRO FERNANDES  
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS  
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA  
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS  
JOSÉ LOUREIRO BOTAS  
MÁRIA ARCHER  
EDGARD MARQUES  
HELENA DE ARAGÃO  
MÁRIO BARROS, Etc.

## ELEGÂNCIAS LISBOETAS

Lisboa não é muito fértil em manifestações públicas de requintada elegância. Principalmente, no que toca a certámenes ao ar livre, quasi cáda, agora, desprava dela, pois até mesmo os raros concursos hípico que por cá havia e serviam a reír, num agradabilíssimo conjunto de beleza e de suprema voluntaria, tudo quanto de fina aristocracia por cá existe, ésses mesmos desapareceram na vagem, de dia para dia mais absorvente, das dificuldades de toda a espécie provocadas pela guerra.

Este ano, nem no Campo Grande nem em Cascaes, no Linda Park, a Marinha, há concursos hípico. Este ano, as graciosas damas da nossa alta estirpe, não tiveram nêlas a possibilidade de se nos mostrarem, em formosíssimos grupos de encanto e distincção, capazes de bem atestarem que, nesta cidade a beira-mar plantada, quasi desconhecida do Mundo, também há belas mulheres, que nada falam a dever, em gracilidade, gentileza e tenção, as delicias frequentadoras dos mais famosos campos de corridas internacionais.

Mas nem tudo desapareceu, felizmente. Ainda se mantêm firmes, plenas de encantamento e bom gosto, algamas, pouquíssimas, exposições, como a de Placitilla, de Tapada da Ajuda, onde as nossas elegantes acorreram em massa, a confundir a sua formosura com a das lindas espécies de aperfeiçoadíssima jardinagem que ali estiveram pontes durante uma semana. Muito ambiente e delicadeza se houvesse algum de pronunciar-se sobre qual seriam mais belas...

E agora, tivemos a mais brilhante Parada de Elegâncias de que Lisboa justamente se orgulha e é, de facto, uma solene reunião de gentes da alta estirpe, num ambiente de delicadeza e fina espiritualidade, que sabe bem apreciar. É a Exposição Canina, no Jardim Zoológico.

A este certame concorre, com os mais lindos e esquisitos exemplares de cães, de raças apuradíssimas, desde os minúsculos, quasi microscópicos «Peguinho» e «Griffon» até os alentados «Serra da Estrêla» e os majestosos «Grand Danois», a melhor sociedade lisboeta.

É digno de nota o cuidado metódico com que as senhoras e homens, em bordado e vestimenta, em mobiliário e pelo conforto dos animais que expõem, alguns deles avaliados em alto preço, que corre parelhas com o de preciosas jóias.

Dias antes do certame, muitíssimo têm os exposidores, e, em especial, as expositoras que fazem, em o mesmo tempo que ocorrem às modistas, as grandes «conturriêres», para que lhes tenham prontos, a tempo e hora, os vestidos e os chapéus com que hão-de apresentar-se em tão distinta reunião, não podem desviar a atenção dos «retoques» que é preciso dar aos animais que se propõem expor, tanto mais que elas não se dispõem de assistir a ésses «retoques», recusando-se a declinar em outra pessoa esse cuidadoso encargo.

Não é pouco o que há a fazer aos cães destinados à Exposição e são em reduzidíssimo número os especialistas nesses trabalhos, pelo que se torna necessário apanhar os cães que alguma competidora não docemente impiedosamente e, a força de escudo, muito escudo mesmo, demore, com os mais inconcebíveis pretextos, junto do seu, ou dos seus exemplares, o artista «Frisador» dos cães, e, bastas vezes com a manifesta intenção, aliás bem feminina, de prejudicar esta ou aquela concorrente que está à espera dos serviços d'elles...

E, se conseguem o seu objectivo, que enorme satisfação elles sentem!

Mas, nos dois dias do certame, à hora do alda, no vasto pavilhão do Jardim, como ellas vão docemente algas fiéis e lealíssimas!

É esta, actualmente, a única Parada de Elegância, ao ar livre, que Lisboa vem tendo certa, há treze anos, e que é deveras valiosa e interessantíssima.

S. SABOYA

# Esta diferente primavera...

Por Luiz Fojaz Trigueiros



HOJE, não houve sol toda a manhã. É possível que quando estes apontamentos forem publicados já tenha chegado a Primavera—e o casario de Lisboa, acastelado nas colinas, rebrilhe à luz do dia, embora em grandes e monótonas manchas de amarelo. A verdade é que escrevo, em pleno Junho—e a Primavera ainda não chegou. A Primavera autêntica, melancólico e indefinido queixume, aquela Primavera que há poucos anos ainda começava com o calendário em 21 de Março, mais dia, e que doirava Abril em flor.

A Primavera trazia sempre o sol consigo. Mas era um sol especial, que não irritava os olhos nem a pele. Nessas tardes cheias de infinito, parecia que a própria vida deveria suspender a sua marcha e que tudo à nossa volta era silêncio. A voluptuosa melancolia do silêncio...

Até há pouco ainda, a Primavera queria dizer—Poesia. Ela andava instintivamente em nós, na nossa respiração, envolvia-nos na calma silente dos grandes crepúsculos transparentes. Quando a noite descia, a cidade, vista do Tejo, recortava sobre o Rio uma visão feérica, de sonho. Eram milhares de luzes a descerem pelas vertentes num jôgo estranho e inesperado—a confundirem na mesma prece, o dia que terminava, numa apofese, com a noite que nascia, num segredo. Agora... Hoje, como ontem, não houve sol toda a manhã. Não há maneira de chegar a Primavera. Dir-se-ia que a Europa teima em lembrar a este país atlântico a sua presença e a sua tortura. Verdade seja: a ausência da Primavera, este prolongado inverno, têm sido para Portugal, a única reminiscência da Europa. Da Europa que se esqueceu da Primavera.

\* \* \*

Ainda há—felizmente!—pessoas para quem existe o espectáculo da vida. Da vida que se vê—e da vida que apenas se adivinha. Ainda há—felizmente!—pessoas que sabem escutar a lição das coisas e procurar-lhes o sentido essencial e profundo. Para essas, a vida não é apenas uma constante sucessão de factos, mas, sobretudo, uma experiência interior, rica de significado.

Sim, este ano a Primavera foi diferente. A Primavera do Calendário, que a outra, a do tempo, anda perdida já nem sei, em que remotas paragens. Mas esta diferente Primavera obriga os homens a meditar, quasi inconscientemente, no mistério de certos destinos e de certas mensagens. O milagre de Portugal... Vejam-se as ruas de Lisboa, por estas tardes cinzentas. Compare-se o «clima» que paira nas expressões e na própria fisionomia das coisas. Lisboa e o país inteiro transformaram-se. Foi, primeiro, a diluição inespérada dos estrangeiros refugiados que, há precisamente um ano, vieram até nós em procura dum luz que os guiasse dentre as escuras trevas. Depois, Portugal habituou-se a essa função de cosmopolis de circunstância—e passou a receber, com o coração e com a inteligência, ésses refugiados que recebera apenas com o seu instinto natural de boa-vontade latina.

Um ano correu. Durante estes longos meses aperfeiçoámos o nosso espírito de selecção. Habitámo-nos a escolher o melhor—e a recusar as solicitações do pior. Dêsses milhares de estrangeiros soubemos aproveitar o que nêles, porventura, havia de sentido, do bom gosto e da Arte, o que éles traziam consigo—mensagem de civilizações superiores, que estávamos aptos a receber e a aproveitar.

Tinhamos, para isso, uma situação única no Mundo. Ao cabo de quinze anos de ascensão e de experiência, Portugal encontrara já o seu caminho. A grande incerteza da Europa, nós podíamos responder, quando a guerra começou, com a serena força das nossas próprias certezas. Quando tivemos que ser refúgio, pórtico de abrigo e ponto de partida—pudemos abrir os braços confiantes ao sofrimento que nos procurou como remédio, à Dôr que nos pediu amparo, e às perguntas a que Portugal indirectamente respondeu. Entretanto, o perfil do país foi-se transformando. Há hoje no ambiente nacional, na atmosfera que vivemos, uma consciência nova. Depois de nos termos reencontrado a nós próprios, ajudámos os outros a fazerem exame de consciência, a atentarem nessa lição de vontade moral e de serena dignidade que o nosso exemplo significava. E o Mundo que tem os olhos em nós—sabe que ainda há neste continente que se desagrega, uma força de unidade, e que

enquanto, por toda a parte, o Espírito se sacrifica às contingências brutais da matéria, temos sabido ser depositários dessas verdades intemporais e eternas a que bem se pode aplicar a admirável definição do maior europeu do nosso tempo: «Ideias da nossa civilização que as armas não matam e o fogo não consegue destruir».

Agora, quando percorremos as ruas da capital, à procura do sol, talvez não o encontremos sempre na aparência exterior e efémera dos homens ou da natureza. Mas sabemos que éle está nos espíritos e ilumina as consciências e as almas. Os portugueses olham já hoje, para o Mundo que os cerca, com o olhar firme de quem sabe que cumpriu o seu dever.

\* \* \*

Mas a manhã de hoje, tão triste, foi um cortejo de sombras—e estas considerações à margem dos acontecimentos não conseguem afastar-me da ideia outras Primaveras mais soalheiras e claras, em que o Chiado, à tarde, parecia uma tranqüila artéria de cidade provinciana, com as mesmas caras tôdas as tardes nos mesmos sítios, os «taxis», em fila, numa grande calma pachorruta, as casas de chá e as lojas mais antigas com o seu público sempre igual e as suas montras a pedir renovação. Tudo isto não foi há muito anos ainda—mas parece que foi há um século. Hoje, o sol é raro, no Chiado e, neste dealbar de Junho, ainda há pelas ruas de Lisboa muitas abafos pesados e uma ou outra garbafine. É certo que as raspargias andam em cabelo, mas já andaram durante todo o inverno... E as duas estações confundem-se numa só, e um céu côr de cinza, como éste de hoje, é, afinal, demasiadamente triste para ser triste.

Até há pouco, a Primavera apenas vestia de gala a Natureza, na imaginação fácil dos poetas convencionais; em mim, porém, nenhuma época do ano exercia tanta influência como essa, com as suas tardes enormes e discretas, com o sortilégio musical dos seus silêncios crepusculares. Então, debruçava-me em qualquer varanda donde se visse o Tejo e perdia o meu olhar inquieto nos longos imensos e misteriosos que nos ensinaram o caminho de tôdas as aventuras.

Para tanto, chegaram-me Santa Luzia, S. Pedro de Alcântara ou—mais prosaicamente—o ponte do elevador de Santa Justa. Nessas tardes, simultaneamente gloriosas e doentias, tudo era para mim uma janela aberta sobre o sonho. Mas agora—esta Primavera é diferente, e encontro-me a pensar, de vez em quando, naqueles versos franceses que Katherine Mansfield gostava de citar:

«Le temps des lilas et le temps des roses  
Ne reviendra plus à ce printemps-ci,  
Le temps des lilas et le temps des roses  
Est passé; le temps des oeillets aussi.

«Le vent a changé; les cieux sont moroses  
Et nous n'irons pas couper et cueillir  
Les lilas en fleur et les belles roses;  
Le printemps est triste et ne peut fleurir.

Acabo de transcrever estes versos e pergunto a mim próprio se, realmente, esta Primavera é diferente das outras—ou se tudo quanto escrevi foi imaginação literária. É certo que tudo mudou hoje—no Mundo e em mim, é certo que o tempo das rosas e dos lilazes nunca mais há de voltar para quem sabe que o seu perfume só uma vez na vida se respira. Mas sentir isto mesmo—e poder escrevê-lo—não será ainda um milagre da Primavera e destas tardes que, a-pesar-de tudo, ainda nos falam uma linguagem secreta de confidência?

Na verdade, estou bem acompanhado nesta manhã cinzenta porque estou sózinho com as minhas sombras. E as sombras ajudam-nos a sonhar. Da rua sobe até ao quarto onde escrevo, a música que todos os dias a esta hora dois cegos arrastam pelo bairro. Hoje, não tocam, felizmente, a «Balalaika», mas uma canção dolente cujo nome ignoro. Ilusão da música, o dia tornou-se mais claro e uma réstca de sol pousou devagar na varanda vizinha; no silêncio da tarde só os acordes tristes das violas cortam, plangentes, a secreta harmonia dos outros sons que não se ouvem. Fecho os olhos, esqueço a guerra, Lisboa, os estrangeiros, o movimento da Baixa, julgo que tenho outra vez quinze anos e que a vida não mudou e que tudo é fácil, simples, natural...

Talvez seja também uma ilusão, mas parece que chegou agora a Primavera.



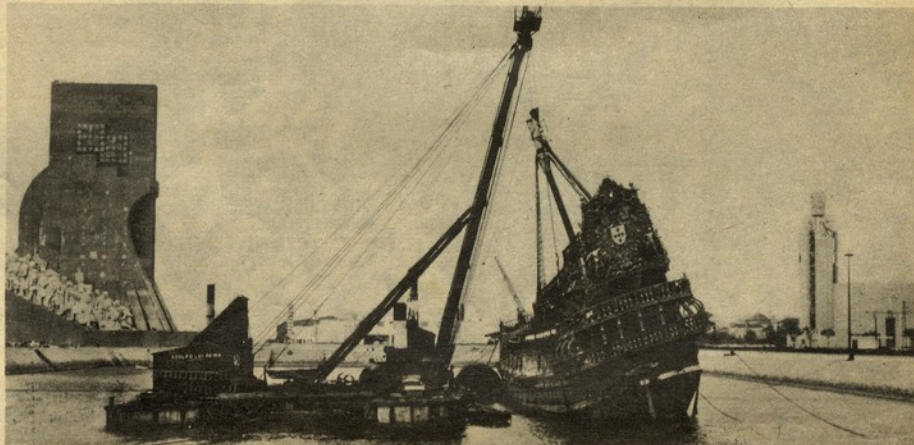
O INSTITUTO DE ODIVELAS comemorou há dias, com uma interessantíssima festa, o 41.º aniversário da sua fundação. Ao mesmo tempo, celebrou-se o encerramento do ano lectivo e a inauguração do exposição de trabalhos escolares. À esquerda — em cima e em baixo — damos dois aspectos da festa: o orfeão do Instituto, que cantou canções populares; e a representação do quadro histórico do professor Ferreira de Simas, «D. Felipa de Lencastre em Odivelas».

A PARTIDA PARA A AMÉRICA DAS CRIANÇAS refugiadas da guerra que, durante algum tempo, estiveram a descansar na Colónia Balnear de «O Século», em S. Pedro do Estoril.



O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS foi alvo de significativa homenagem por parte de todos os municípios do Continente. A foto, à esquerda, mostra-nos um aspecto da cerimónia que se efectuou na sala do Conselho do Estado, com a assistência de vários membros do governo. O sr. prof. Mendes Correia, presidente da Câmara Municipal do Pôrto, lê o elogio do sr. eng. Duarte Pacheco e leu a mensagem que lhe foi entregue.

A NAU PORTUGAL, que tantas horas de encantamento proporcionou aos visitantes da Exposição do Mundo Português e que o ciclone derrubara, foi posta novamente a flutuar. A foto, à direita, mostra-a junto da cábrea que foi utilizada nos trabalhos.



# Zu vi combater os Soldados RUSSOS

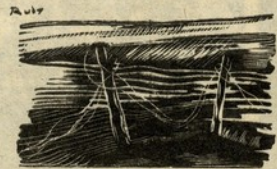
Reportagem de Amadeu de Freitas

— Então, vamos?  
— Vamos lá!

Estávamos à porta do Hotel Kamp, na Esplanadink, em Helsinquia, quando o dr. Mausiska, jornalista poliglota, chefe da redacção do «Helsinki Sammat» veio alegremente trazer-nos a notícia de que podíamos seguir para a frente do Istmo, para lá de Viborg, hoje terra russa.

Apontámos-nos à pressa e corremos para a estação. Dez minutos depois, entrávamos num combóio branco — na Finlândia, durante a guerra, era tudo branco — um combóio cheio de tropas, onde se afluxava. A viagem foi tormentosa, horrível, pois para percorrermos cento e vinte quilómetros, estivemos fechados naquela carruagem cheia de fumo e de soldados quasi cinco horas. Descemos em Kouvola, uma cidadezinha sem habitantes, onde a neve cobria e distorçava as ruínas das casas desmanteladas pelas bombas. Avante! O combóio ficava por ali, porque, quilómetros adiante, as pontes haviam sido destróçadas. A custo, descobrimos um automóvel, um velho «Ford» muito alto e gembundo, um desses carros de «calça arregaçada» que havia dantes, lembram-se? O pobre «Ford» estava abandonado num barracão e o guarda, um coxo de trágicas feições, um tipo repelente, de olhar indeciso e desconfiado — o «Quasimodo» por alcunha nossa — dispôs-se a levar-nos... se lhe comprássemos o automóvel e pagássemos adiantadamente... Que remédio! Cotidiano-nos, juntámos os marcos e demos o dinheiro ao «Quasimodo». «Vamos, então? — Perguntou-lhe Mausiska». «Um momento, volto já...» E, a coxear, lá foi, para só voltar meia hora depois. «Porque se demorou tanto?». «Então os senhores queriam que fosse para Viborg com o dinheiro na algibeira? Fui guardá-lo...»

Gasolina até Viborg arranjou-se «emprestada» no comando militar local, cujo tenente ainda é capaz de estar à espera que lhe paguemos a dívida... Finalmente partimos. Minutos após, entrámos na floresta branca e silenciosa, a floresta dos fantasmas, onde as árvores são esguias e trágicas silhuetas brancas, como se fossem arvores de vidro. A beleza estranha, dominadora, enervante, desta brancura



sempre igual, esmagava-nos, deprimia-nos. O frio — estávamos próximo dos 30 graus centígrados negativos — começava a sua obra, vencendo as peles e o conhaque, preparando-se para nos vencer a nós. O «Ford», sempre a gemer e a cantar, dando a impressão de que, mais quilómetro menos quilómetro, ficaria partido aos bocados no meio da estrada, atravessava penosamente a floresta que pa-

recia não ter fim. E, se a gasolina acabasse ou o «calças arregaçadas» se desfizesse — como sairíamos da floresta branca? «Não pensemos em coisas tristes — disse-me um colega. Vamos ver os soldados russos, é o que interessa». Pois sim... Lá adiante, a uns seis ou sete quilómetros de Viborg, depois de passarmos ao lado dos despojos de um «caça» russo tripulado por uma rapariga cujo cadáver enregelado mostrava ter sido bonita e elegante — «não há direito!, disse revoltado, a guerra não devia ser para as mulheres!» — a neve desatou a cair descaimadamente, em grandes e lindíssimos flocos e, em certa altura, a estrada, mesmo para o pobre e gembundo «calças arregaçadas» ficou intransitável. Um arranco, outro arranco, mais outro ainda — e o velho «Ford» enterrou-se. Olhamo-nos, pálidos. «E agora?». «Agora, respondeu «Quasimodo» para Mausiska, temos que ir a pé...» «E preciso ir a pé!» A pé pela floresta, com a neve a quasi um metro de altura! Tive a impressão de que Mausiska estava a brincar, mas éle próprio me tirou a ilusão: «E é já, senão getamos aqui parados.»

## Viborg, retalhada de feridas, a poucos quilómetros do Istmo e da Rússia

Não vale a pena falar nessa trágica caminhada da floresta para Viborg, o maior pórtio da Finlândia, o melhor do golfo. Pobre cidade mártir! Como ela estava, cheia de cicatrizes e de feridas, com ruas inteiras devastadas, com ruas inteiras desaparecidas sob os escombros! De vez em quando, enormes bi-motores cinzentos com grandes estrélas vermelhas na cauda escureciam o céu e lançavam bombas e mais bombas. «Ái vêm éles!» — gritávamos, e logo fugíamos para um abrigo. A

gúgla escameçada na neve engulianos — e ali estávamos, a contar as explosões, à espera que nos deixassem ir para o Istmo. «Sim — dizia um colega — porque para ver aviões a deitar bombas não é preciso vir à Rússia».

«Vá lá fora e olhe para o céu, lá os vê». «No céu são todos iguais... O que éles querem, lá na América, é que eu veja os russos e lhes diga como é o fardamento». De resto, o que nós todos queríamos era ver os russos, desfazer o mistério, olhá-los bem de frente, falar-lhes, se possível fôsse. O que nós queríamos, era ter a sensação de uma pequenina parcela da verdade verdadeira da Rússia envolta na bruma do segredo e do mistério. A Rússia onde não podíamos ir, a Rússia onde estava e está a decorrer a maior tragédia social de todos os tempos, obscavamos. «E preciso ir, haja o que houver, suceda o que suceder!». Começou a escurecer. Os aviões russos desapareceram do céu negro e triste. Viborg, a escorrer sangue, envolveu-se em densa treva. Caía a neve e não se via ser humano. Trágico silêncio de Viborg moribunda!

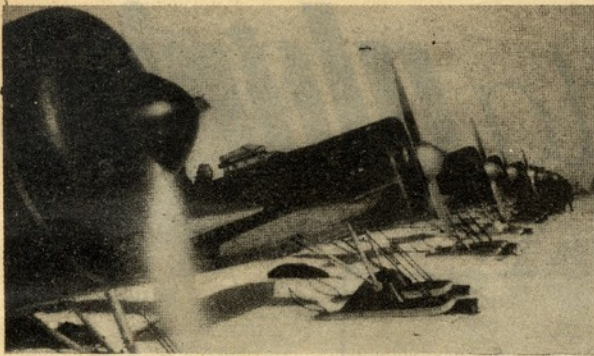
...E nessa noite, três repórteres loucos — este vosso criado, um americano e um italiano — avançaram sózinhos, de Viborg para o Sul, ao longo da via férrea de Leninegrado, fugidos ao comando militar, sem mantimentos, sem uma arma, sem nada a não ser a nossa loucura e a nossa ânsia irremovível — de ver os russos.

## «Lá estão éles» — E o canhão troava e fazia tremer a floresta

Andámos duas horas sobre as travessas da via férrea. O termómetro que o americano levava pendurado na barriga — como os guardas nocturnos



SOLDADOS RUSSOS, surpreendidos na «grande planície branca» pelas patrulhas finlandesas, rendem-se sem resistência aos defensores do território finlandês.



VIMOS ENTÃO OS AVIÕES COM PATINS, a deslizar na neve rebrilhante...

prendem as lanternas—marcava 33° centígrados negativos. A respiração tornava-se cada vez mais difícil, pois quando aspirávamos o ar frio tínhamos a sensação de que arames incendiados nos atravessavam os pulmões. Para a frente! Continuámos, heróis à força, porque parar seria morrer. Ah! heroísmo e valentia, como eu vos conheço agora!

Lá adiante, lobrigámos dois vultos e dissemos, quasi ao mesmo tempo: «E se estes tipos nos prendem?» E prenderam-nos, como os senhores estão a calcular, e levaram-nos para o pósto do comando de Perkjarvik, a menos de um quilómetro do quartel general de Mannerheim. Abençoadá prisão! Mostrámos os papéis, be-

mos, fartámo-nos de rir—e comemos excelentes batatas cozidas, queijo e pão. «E agora?» «Agora, para a frente.» O pior parecia ter passado, porque o bom coronel Erko, amável e amigo, nos autorizou a seguir, acompanhados por um alferes que ia em missão à linha fortificada. «A Madona protegenos», disse o italiano. «Talvez. Vamos». De repente—pum! pum! pum! «Lá estão eles». O canhão começou a troar. Depois outro e outro e outro ainda, muitos. A terra tremia e o céu iluminava-se, de vez em quando, com o estoirar das granadas. Deitámo-nos sobre a neve. Agora, já ouvíamos as metralhadoras a matraquear. «São as pequenas «girls» a acompanharem as «estrélas», disse o americano. «Ao menos já ouvimos a voz dos russos»...

**E entrámos nas trincheiras brancas e nos fortins de cimento — A linha Mannerheim...**

Entrámos em Valkjarvik, a cerca de trinta quilómetros da Rússia. Trinta quilómetros, um quarto de hora de automóvel... Seguimos, mais para além, mais para a Rússia. Atravessámos, num belo trenó, a planície e, depois, com mais dois goles de conhaque a dar-nos valentia, heroísmo, coragem — como é fácil e banal ter tudo isto! — subimos o monte, o primeiro da cordilheira do Istmo, que separava a Finlândia da Rússia.

Chegámos, finalmente. Lá estavam as trincheiras brancas, a desafiar a outra planície, lá para os lados de Rajajoki, em pleno território soviético. Mais adiante, mais alto, divisámos os fortins de cimento, de cada um dos



TROPAS CINZENTAS, massas compactas de soldados a deslizar na pista branca.

quais saía o cano de um canhão. E arame farpado, e mais fortins, e homens escondidos nas trincheiras. E mais nada. Aquilo era a linha Mannerheim. «Bolas! E eu a pensar que isto era uma coisa como a linha Maginot!...» Outra vez a dança: os canhões berravam e de lá de baixo outros canhões respondiam. «E os russos?» «Vamos ver?» Esperámos que o tiroteio abrandasse e fomos. Rastejando pela neve com mil cautelas, avançamos de vagar, metro a metro. Por fim, quando atingimos um alto montículo coberto de neve mole — esplêndida defesa para as balas — olhámos. E vimos, lá em baixo, a Rússia e os seus soldados...

Maravilhosa e inesquecível planície gelada! Lá estão eles! Lá estão eles! Agora, sim, vimos os russos. Estão lá em baixo, a correr na planície, massas cinzentas a deslizarem na pista branca e rebrilhante. Lá vem eles, a avançar em formações compactas, atrás de trinta ou quarenta «tanks», pretendendo — calculámos nós — dominar os fortins avançados e iniciar a escalada do monte. Lá estão eles... Pensámos uns segundos, regulámos melhor os binóculos. Mas «eles» são soldados como os outros, tal qual como os outros, com fardamento semelhante e armas quasi iguais...

Vimos os russos! Corriam como loucos pela planície e caíam desamparados, ceifados pelas metralhadoras. É horrível. Vimos, então, os «tanks» a avançar, a abrir caminho à infantaria. E vimos, espantados com tanta audácia, a luta do homem contra o «tank», três homens para cada máquina, três heróis finlandeses que morriam sempre. Lá vêm

eles! A multidão cinzenta avança. Lá em baixo havia uns seis ou sete «tanks» esventrados, mas os outros tinham chegado à falda da montanha... Como formigas em carreiros, os soldados russos começaram a escalar, mas cá em cima, dos fortins, as metralhadoras e os canhões vociferavam...

E durante dias e noites a luta prosseguiu. Até que um dia, os fortins calaram-se e os soldados russos, iguais aos outros, passaram a linha, entraram em Viborg...



PRISONEIROS RUSSOS num campo de concentração finlandês em 1940.



Ruby

**B. B. C. A VOZ DE LONDRES B. B. C.**

**F A L A  
E O MUNDO ACREDITA**

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de verão		Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z .....	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O .....	19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30	Actualidades	G R V .....	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*)	Noticiário	G S C .....	31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B .....	31,55 m. (9,51 mc/s)
22,15	Actualidades	G R T .....	41,96 m. (7,15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.

# Calçada da glória...

## A GLÓRIA

**A** NATOLE France escreveu: — A cozinha francesa é a melhor do mundo; e esta glória suplantar, sem dúvida, todas as outras, no dia em que a humanidade, entrando na plenitude do seu juízo, colocar as frigideiras acima das espadas...

— Não faltará quem afirme que Anatole está na razão.

## MAFRA

**N**O último Congresso Eucarístico realizado em Mafra, um *ciceroni* apontou a um grupo de congressistas o convento.

— Mas é enorme! — exclamou em déles.

Logo o *ciceroni*: — Pois por dentro ainda é muito maior!

## O FAUNO SOVINA

**M**ARIA Archer que surgiu, há dias, em pleno Chiado, com um chapéu flamantíssimo, publicou agora um livro de novelas a que deu o título de *Fauno Sovina*.

Há dias alguém dizia a propósito deste volume: — Sovina, conheço; agora fauno...

## LINHA DO ESTORIL

**A** conhecida declamadora D. Alice Oeiras, com os seus cabelos loiros e o seu espírito mais loiro ainda, realizou uma noite destas um aplaudido recital na Casa das Beiras. No dia seguinte recebeu pelo correio um postal com a seguinte quadra que me permito transcrever:

Outras levou à Parede...  
Por isso vénia lhe peço  
Prá felicitar, D. Oeiras,  
Por mais este *Bom Sucesso!*

## UM DUELO?

**C**ARLOS Olavo publicou, há pouco, um volume sobre João das Regras. Alfredo Pimenta saiu à estacada atacando o volume. Resposta de Carlos Olavo. A inevitável polémica. Carlos Olavo diz que sim; Alfredo Pimenta diz que não. Um defende João das Regras; o outro ataca-o. Segundo nos consta, João das Regras vai desafiar ambos — para um duelo... Fundamento: não o deixarem tranqüilo no além-túmulo.

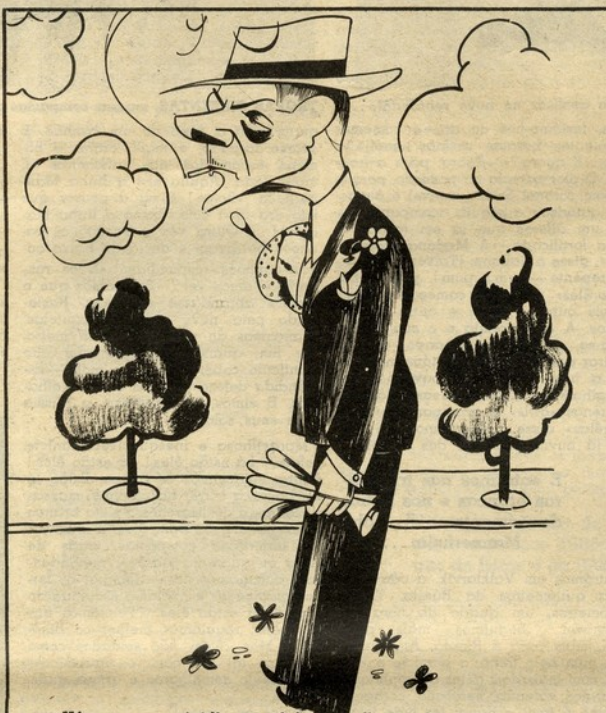
## ALVES DA CUNHA

**N**O cortejo histórico que o ano passado se realizou na Exposição do Mundo Português, ao grande artista Alves da Cunha coube o papel de Afonso de Albuquerque. Quando o cortejo terminou — o dia tinha estado dum calor sufocante — Alves da Cunha não pôde deixar de exclamar, coífiando as barbas:

— Nunca senti uma coisa destas! Tenho a impressão de que me cresceram estas barbas, com o sol!

## FILÓSOFOS

**O**UVI, há dias, este comentário: — O velho mundo está mau; o novo mundo não está melhor. Só há uma solução: meter na mala um par de cuecas e ir para o outro mundo...



Há pequenos episódios que definem melhor um homem do que longos tratados de história e pesados volumes de psicologia.

Uma tarde, há meses, Afonso Lopes Vieira, de pijama azul e de monóculo faiscante, estava sentado à sua mesa de trabalho, escrevendo, quando tocou fortemente a campainha da porta, e a criada veio anunciar um sujeito que desejava falar ao poeta.

— Não disse quem era?  
— Disse que era D. Pedro, D. Pedro não sei quê...  
— Que faça favor de entrar.

Instantes depois um homem alto, forte, de cabelo desgrenhado, entrou e exclamou, logo, numa arrogância:

— É o poeta Afonso Lopes?  
— Eu mesmo. Ao dispor de V. Ex.  
— D. Pedro, o primeiro...

Muita honra em conhecê-lo pessoalmente. Faz obséquio de se sentar...

— O assunto que aqui me traz é para ser tratado de pé. Ficarei de pé.

— Nesse caso como quiser...  
— Não são necessárias palavras inúteis, meu caro senhor. Dizem-me que tem em seu poder uma madeixa de cabelos de Inez de Castro. Exijo que ma restitua.

— Mas...  
— Nem mas, nem meio mas... Essa mulher amou um único homem na vida: fui eu. Nenhum outro homem poderá ter licitamente em seu poder uma madeixa de cabelo que lhe não pertence.

Num relance, Afonso Lopes Vieira mediu o acontecimento. Sim, era verdade! Ele tinha, de facto, em seu poder, quasi por um milagre, alguns fios de cabelo de Inez de Castro, guardados num pequenino cofre de ferro forjado! Mas entregá-los era perder uma relíquia preciosa; não os entregar era talvez — quem sabe? — arriscar a própria vida. De repente teve uma ideia: pegou no cofre que estava sobre a mesa; abriu-a; tirou na ponta dos dedos um minúsculo fioco de cabelos e mostrou-os ao visitante:

— Estes cabelos, veja bem, não são de Inez de Castro...  
D. Pedro pegou neles, olhou-os, examinou-os e reconheceu:

— Na verdade os de Inez de Castro eram ruivos, e estes são prateados...

— Pois não tenho outros, palavra de honra!  
— Nesse caso, peço-lhe mil perdões. Enganaram-me. Coisa terrível, os boatos!  
E saiu.

A explicação é simples: Afonso Lopes Vieira, homem do passado, não se esquece nunca de que é um homem do presente. E, assim, um belo dia, mandou platinar os cabelos de Inez — para que a sua adorada andasse à moda... Não conhecemos melhor retrato de Afonso Lopes Vieira — figura de ontem e de hoje...

## LIÇÃO DE HISTÓRIA

**Q**UANDO Guedes de Amorim, o romancista da «Aldeia das Águias», fez exame de história, o professor perguntou-lhe o que é que ele sabia a respeito dos godos e dos wisigodos na península.

— Não sei nada — respondeu o examinando. Não conheço essa gente...

— Não conhece?

— Palavra de honra! Só conheço os Guedes e os Wisiguedes... de Amorim!

## INVENÇÕES

**N**UM grupo de pessoas, entre as quais se encontravam o conhecido escritor de teatro Amadeu do Valle e sua esposa, falava-se de invenções e de inventores; citavam-se as descobertas deste século; e aludia-se a alguns homens cuja inventiva podia considerar-se excelente.

— O maior inventor de todos é o meu marido! — exclamou, a certa altura, a mulher de Amadeu do Valle.

— Sim! Porquê? — todos os presentes inquiriram.

— Se soubessem o que ele inventa quando vem tarde para casa...

## TÁVOLA REDONDA

**O** illustre poeta Augusto de Santa-Rita, espírito brilhante como o seu monóculo, fançou, há tempo, um manifesto em que, fazendo o elogio da Poesia, atirava ao público a notícia da constituição duma nova *Távola Redonda*. Passaram-se tempos. Nunca mais se ouviu falar em tal. Há dias alguém perguntou a Santa-Rita:

— Então como vai essa *Távola Redonda*?

Logo ele, franzindo o nariz: — Bastante bicudal!

## UM DIRECTOR

**J**OSE Cândido Godinho, director desta *Vida Mundial* — desta e da outra — nada deve à gordura, mesmo porque a sua infatigável actividade lhe não permite criar banhas. Nem por isso, e talvez por isso mesmo, deixa de ser um «robusto» director. Armando Ferreira ainda ontem dizia dele:

— O Godinho desde que a *Vida Mundial* tira 40.000 exemplares já não se assina senão José Cândido Godinho!

## MUSEUS

**N**UMA das salas do palácio Farnese, diante duma estátua de mármore, um petiz de dez anos interroga o pai:

— O que representa, papá, esta estátua sem braços e sem cabeça?

— O pai, circunspecto:

— O Diplomacia.

## PILÓ

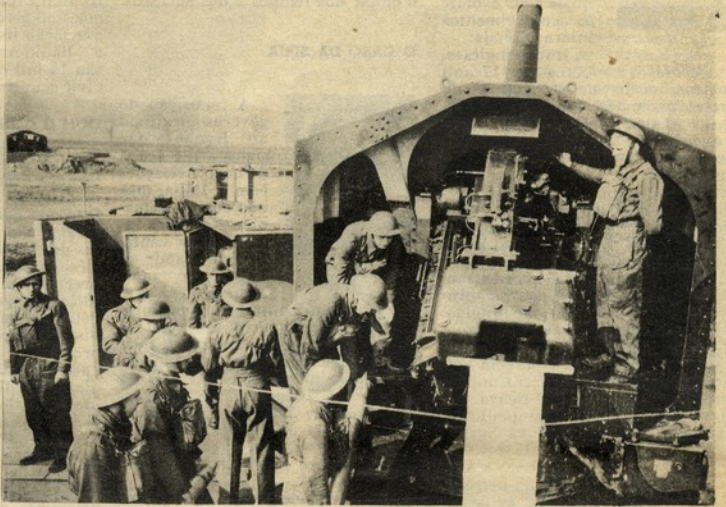
**D**IZIA-ME, há pouco, Piló — o grande artista dos bonecos de madeira recortada — ao perguntar-lhe se Piló era nome ou pseudónimo:

— Piló é o pseudónimo do meu próprio nome: Piló.

*Luís Oliveira Almeida*

*Os soldados que defendem a*  
**INGLATERRA**

SOLDADOS DE TÓDAS AS ARMAS E DE TÓDAS AS PARTES DO IMPÉRIO BRITÂNICO defendem a Inglaterra e fazem a guerra em tódas as frentes. Distinguem-se, entre todos, pelo seu apêgo à luta, pelo seu desprêso pelo perigo e pela sua vibrante mocidade, os pilôtos da R. A. F., cujos aparelhos cobrem o céu na ilha e nos vários teatros da grande luta,



O TERRITÓRIO INGLÊS exige cuidados especiais de defesa. Vemos na foto (em cima, à direita) o trabalho duma guarnição duma peça de longo alcance, colocada na costa inglesa.

NO MAR. SÃO OS MARINHEIROS que velam pela segurança da Pátria. Aqui vemos dois d'êles, na foto da esquerda, carregando uma peça anti-aérea.



O REI E A RAINHA visitam frequentemente os seus soldados, encorajando-os com palavras animosas e felicitando-os pelo seu comportamento na luta. As duas fotos mostram-nos dois aspectos de revistas de tropas — à esquerda, uma formação dos Serviços Auxiliares Femininos; à direita, um destacamento de paraquedistas.

# Panorama Internacional

## A guerra das duas França

\* por Francisco Teloso \*



MENZIES

A imprensa do dia 2, trazia a par duas notícias que, cada qual por sua banda, representavam dois factos sobre os quais iam evoluir os acontecimentos internacionais: — as tropas inglesas, cerca de 17 mil homens, acabavam de retirar de Creta; os ingleses assinavam com os iraquianos um armistício.

O primeiro ministro australiano, Menzies declarava neste mesmo dia em Melbourne: «A defesa de Creta habilitou as tropas britânicas a esclarecer a situação no Iraque e deu tempo a trazer tropas da Etiópia e a reforçar os dispositivos ao longo da fronteira sul da Síria. De futuro não sofreremos, como sucedeu em Creta, de falta de bases aéreas apropriadas para o ataque ao inimigo. Embora a posição seja perigosa, não há razão para pessimismos».

Com estas palavras, parecia volvida uma página da guerra no Mediterrâneo. Esclarecido ficava que assim como, durante a campanha na Grécia, a Inglaterra fitava Suez e Alexandria, agora, durante a defesa da ilha cretense, olhava para a Arábia e para os caminhos do petróleo e da Índia. E preferia evidentemente éstes àquela.

Reconduzira o antigo regente e o antigo governo aos seus postos, e declarava que o acto da repressão da revolta (completada pela ocupação de Mossul onde, constára haver acampamentos alemães e onde dias depois, a 6, de Vichy diziam haver combates com italianos!) confirmava o respeito de Londres pela independência do reino.

Facto digno de nota, era, porém, o de que o chefe da insurreição em vez de seguir na sua fuga para a Turquia tomara rota para o Irão. Isto assinalava claramente a atitude de Ankara diante do problema de todo o Próximo Oriente, e se de lá não vieram declarações oficiais, sabia-se que tal questão fora vivamente debatida em reuniões do partido que sustenta o poder público. Von Papen instava o governo turco para se colocar ao lado do Eixo. De Roma, talvez inconscientemente, chegou a anunciar-se para muito breve a passagem de tropas alemãs e italianas para o Iraque, negociada em troca de ser conservado à Turquia o predomínio nas ilhas do Egeu. Foi, pouco mais ou menos, nessa altura que Eden enviou a Ankara a famosa mensagem animadora, certamente a invocar a aliança turco-britânica.

A verdade é que a notícia italiana não se confirmou. A Turquia cobriu com a sua atitude de neutralidade a possibilidade do contra-golpe inglês no Iraque.

Conhecida a ligação permanente que, salvos os incidentes naturais nestas relações, liga Ankara a Moscovo, pode supor-se que Estaline soube previamente da decisão turca. Uma entrevista entre o chefe

russo e Hitler, logo pressurosamente aventada, não se confirmou. O serviço turco prestado a Londres, com uma lealdade sem fendas, e numa hora de enorme perigo, foi sem dúvida inestimável. O que é representativo e vale, se saberá depois com o andar dos tempos e dos sucessos.

### O CASO DA SIRIA



EDEN

A reposição do governo legítimo no Iraque — que logicamente acaba de cortar relações com a Itália, mas não com a Alemanha — deu aos ingleses uma vantagem de grande alcance. Só mais tarde poderá avaliar-se se ela contrabalançou, mesmo em parte, a perda de Creta e o seu pesado custo na esquadra de Cunningham, mas sem dúvida desafogou a situação dos ingleses, cujo núcleo da Transjordânia, guarda-avançada de Suez por leste, se encontraria em difícil posição sem o Iraque seguro, pois quedaria, quasi com flanco e reataguada tomada.

A consequência disto era que os alemães teriam de procurar atingir a Inglaterra no Próximo Oriente por outra via — a da Suez e a da Síria. O pacto de Berchtesgarden tinha de entrar em execução, agravando o conflito entre a França e a Inglaterra.

Foi a guerra dos desmentidos. A partir do dia 3 de Junho o tiroteio é contínuo entre Londres e Vichy, afirmando a primeira, com o apoio da Agência Panarabe de Ankara e referências a meios autorizados turcos, que alemães passavam para a Síria através da Turquia com falsos passaportes búlgaros, que aviões alemães sobrevoavam as terras da república com igual destino, e retorquindo Vichy ou o general Dentz que não há tropas alemãs no território do mandato. Weygand era chamado do norte africano para dar a sua opinião sobre a crise das relações franco-britânicas em conselho de ministros. No dia 2, declarava em entrevista ao correspondente da United Press em Argel: «A grande massa da população francesa da África do Norte opõe-se à ocupação da mínima parcela de território, seja por quem for. Defenderei o Norte de África e não permitirei que o seu solo seja pisado por tropas invasoras. Temos ainda aqui, em África, uma força militar muito apreciável, que é capaz de fazer frente a todas as emergências».

Há um mês, Weygand dissera: «Alé contra a Alemanha».

A 4, De Gaulle vinha instalar o seu quartel-general em Haifa. Aderiam à sua causa os funcionários do Consulado francês em Ankara. A informação de haver alemães em Alepo corria nos Estados Unidos. O almi-

rante Leahy embaixador norte-americano em Vichy inquiria Pétain sobre a efervescência das notícias e só recebia do marechal a declaração de que a França defenderia o seu império contra a Grã-Bretanha. A acrimonia acentua-se a 5. Da fronteira turca insistem que há alemães no aeródromo de Palmira que a aviação inglesa ataca logo depois, e Rádio-Ankara concretiza que são 15 mil os alemães que em traje civil acudiram à Síria.

### COM O CONSENTIMENTO DO «EIXO»

Uma nota oficiosa de Vichy tornava público que as forças de «Dentz, consideravelmente reforçadas com o consentimento das potências do «Eixo», estavam capazes de repelir qualquer agressão inglesa. Era a 5 de Junho e tudo se precipitava. Do outro lado do Atlântico, já depois da resposta de Pétain ao embaixador Leahy, o ministro Cordell Hull afirmava à imprensa que a passagem da França «para o campo do agressor» mediante a colaboração com este, podia prejudicar as suas relações com a América do Norte: «Washington cortará relações com a França se esta cooperar com a Alemanha». A R. A. F. bombardeava aviões italianos em Alepo, e Chipre sofria os primeiros «raids» aéreos alemães. O governo francês, já crescendo de



DE GAULLE

tom, asseverava em nota oficiosa que o estado-maior-inglês não possuía forças bastantes para o ataque à Síria. Bombardeiros alemães em voo para o sul, eram obrigados a descer em pannes em território turco. Laval anunciava o seu regresso a Vichy.

A 9, tropas inglesas e do general Catroux, às ordens de De Gaulle passavam a fronteira da Síria. O parêntesis aberto com a rendição da França fechava-se nas fronteiras sírias do sul. E da guerra dos desmentidos passa-se à guerra das proclamações.

A Inglaterra e a França Livre afirmavam em Londres o seu direito de evitar que a Síria caísse sob o mando das potências do «Eixo», porque «o destino da Síria está política e moralmente ligado ao do Iraque». Catroux em nome de De Gaulle, em outra proclamação declarava extinto o mandato francês e recuperada a independência síria. De Vichy insistia-se na injustificação do ataque inglês por não haver tropas alemãs no território. «Alea jacta erat». O estado de facto determinando o estado de guerra que revira a França contra o seu antigo aliado, estava criado, dentro do plano de Montoire e de Berchtesgarden: a Wilhelmstrasse podia declarar no dia 9 que, não houve nem há tropas alemãs na Síria, e que portanto, trata-se de um caso restricto à Inglaterra e à França.

### PRECIOSA COINCIDÊNCIA



ROMMEL

É curioso notar que, além do *qui-pro-quo* que regrava em torno da expressão *tropas alemãs*, a qual pode significar *forças militares organizadas* — em vista do que tanto Vichy poderia ter razão em negar a sua existência na Síria, como Londres ao teimar na concentração de alemães lá, sem lhes chamar *tropas* — uma coincidência aparecia feita ao romper das hostilidades, entre a imprensa dos dois novos adversários, e pode bem ser que tudo a-final rode à volta da realidade que nela se contém.

O jornal francês *Effort* escrevia: «A Inglaterra quer ainda salvar o seu império ameaçado pelas forças do «Eixo» sobretudo depois que conquistaram Creta. Quer, o mais rapidamente possível, defender o Egipto porque o Egipto é Suez, e Suez é o Império. Empenha-se com todos os meios a impedir que de Gibraltar ao Golfo Pérsico o círculo se feche à sua volta. O ataque à Síria é uma tentativa para demorar o que ela considera uma catástrofe».

Ora, a Imprensa britânica vinha há três para quatro dias bradando a Churchill, e já em tons cominatórios que poderiam ter repercussões políticas internas, que atacasse a Síria imediatamente. E o *Daily Mail*, rompido o ataque, comentou: «Se nós não tivéssemos entrado na Síria, os alemães teriam fortificado aquele país de tal maneira que *Chipre seria conquistada e possivelmente a Palestina teria o mesmo destino, enquanto o Egipto ficaria em perigo iminente*». Substancialmente estes pontos de vista são identicos. Só haveria a concluir que não cedendo aos ingleses ou cedendo aos alemães, o resultado da atitude de Vichy nunca poderia ser na Síria favorável aos primeiros. Só assim mesmo se compreende que simultaneamente o general Wawell exposto, e segundo se diz com centenas de milhares de soldados) a arrostar uma próxima ofensiva do general alemão Rommel contra o Egipto, abrisse uma ofensiva contra o general francês Dentz na Síria.

«Desta vez, dizia o «New York Herald Tribune», a iniciativa deixou de ser alemã. De facto assim é, e pela vez primeira, depois da excepção de Wawell contra Graziani e o duque de Aosta, e da R. A. F. contra as zonas industriais alemãs. Há, porém, nesta luta, alguma coisa de novo: — o general De Gaulle que de comêço tirara a condição de não lutar contra franceses, renunciou a ela. Dirá que assim procedeu porque Darlan renunciou à declaração feita por Pétain em Abril deste ano de que a

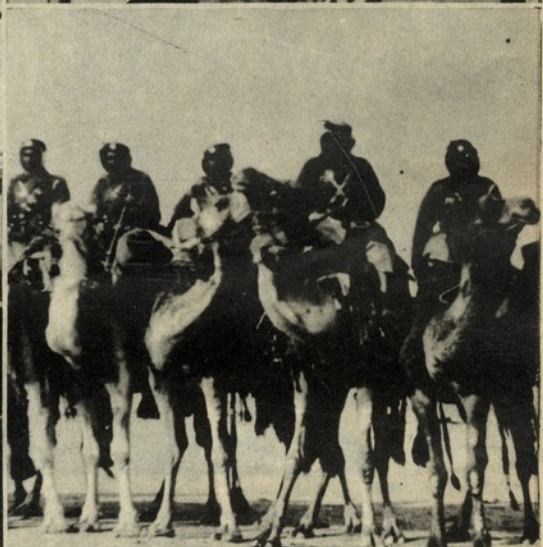
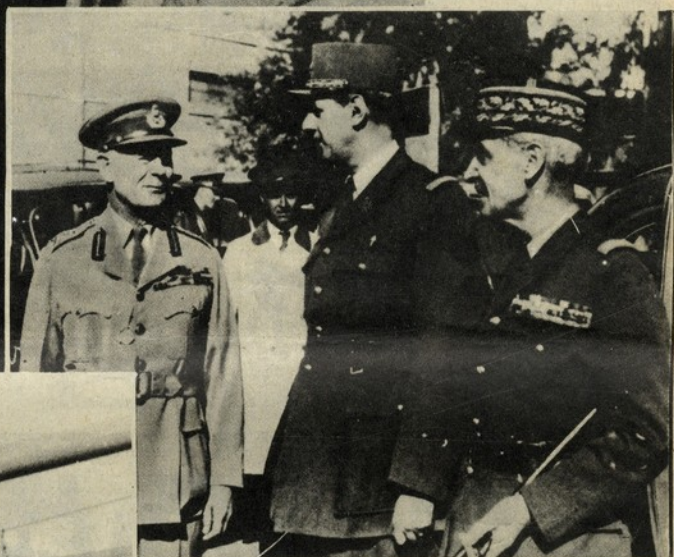
(Continua na pág. 12)



# A Luta na SÍRIA



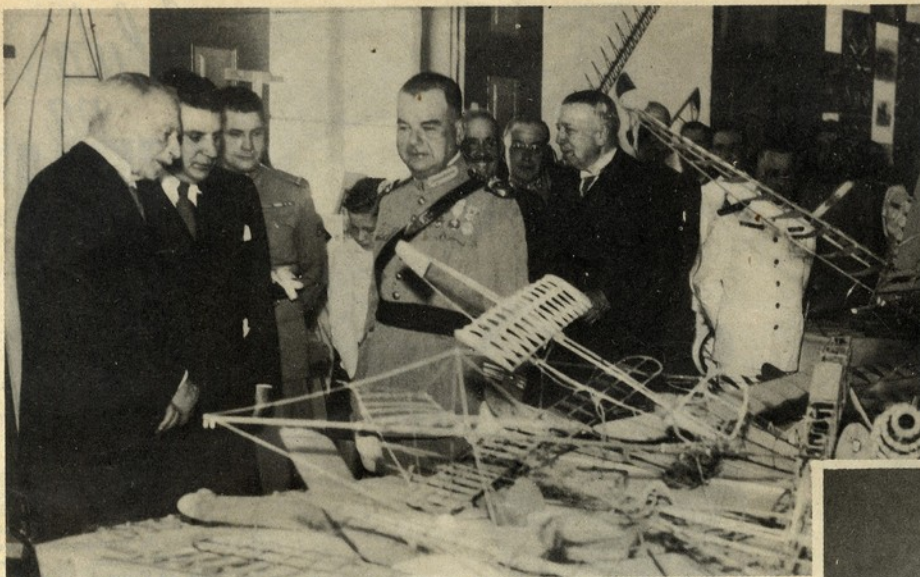
O GENERAL SIR HENRY MAITLAND WILSON, comandante das tropas invasoras da Síria, conversando com alguns soldados da Transjordânia que o acompanharam na acção contra as forças de Vichy. Em baixo: os três comandantes das tropas aliadas no Norte de África e no Próximo Oriente: Wawell, De Gaulle e Catroux.



UMA UNIDADE NAVAL DAS «FÓRCAS LIVRES FRANCESAS» em operações ao largo da costa síria — colaborando com a Armada britânica — é visitada por De Gaulle.

TROPAS ARABES DO DESERTO, que partiram do Iraque em direcção a Aleppo, um dos mais importantes objectivos da Síria do Norte.

# Acontecimentos da SEMANA



O SR. GENERAL CARMONA assistiu ao acto de encerramento dos cursos no Colégio Militar. Vemos na foto, em cima, o Chefe do Estado, com o sr. Sub-Secretário de Estado da Guerra, assistindo à exposição de trabalhos escolares.



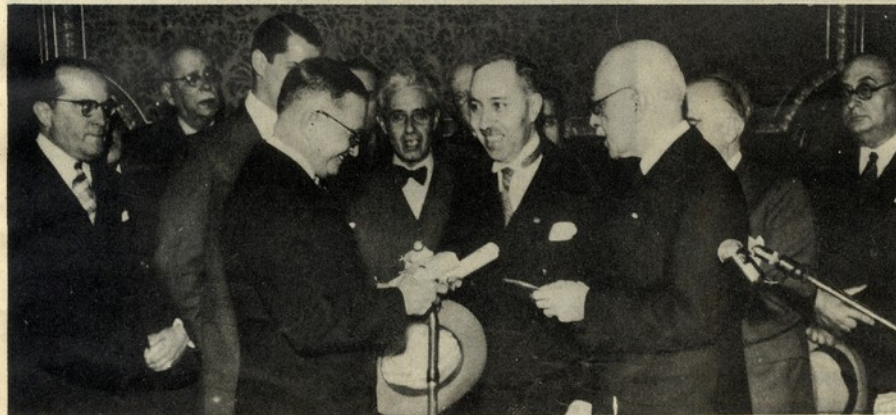
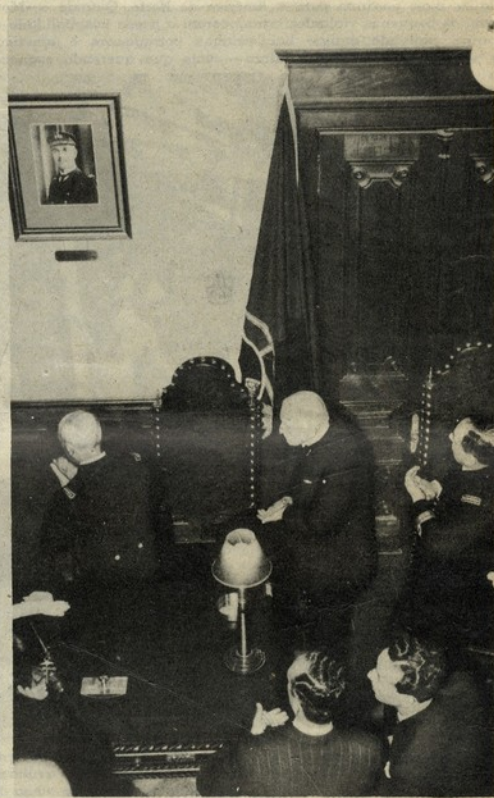
A EXPOSIÇÃO CANINA DE LISBOA teve este ano, mais uma vez, um cunho acentuadamente elegante. Na foto, vêem-se algumas das muitas expositoras no momento da classificação, no Jardim Zoológico.



EM CIMA: Um aspecto dos exercícios dos alunos do Colégio Militar no campo de jogos daquela instituição. A DIREITA: Dois dos bailados apresentados, com grande êxito, no Teatro de S. Carlos, durante as récitas de caridade ali realizadas recentemente por iniciativa duma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Casa de S. Vicente de Paulo e da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.



ANTÓNIO FERRO que, à frente do Secretariado da Propaganda Nacional, tem desenvolvido uma acção notável, tomou recentemente posse do lugar de presidente da direcção da Emissora Nacional. Ao acto, assistiu o sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que se vê nas fotos, ao lado do empossado quando este pronunciava o seu discurso e assinava o auto da posse.



NA LIGA NAVAL, foi prestada homenagem ao sr. comandante Fontoura da Costa. Efectuou-se com esse fim uma sessão solene, de que damos um aspecto, no momento em que era descerrado o seu retrato.

A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS dedicou a sua última sessão ao Brasil, aos seus valores nacionais e à consagração da amizade intelectual luso-brasileira. Sete dos maiores escritores do país irmão foram eleitos sócios correspondentes da Academia, e o embaixador do Brasil em Portugal, sr. dr. Araújo Jorge recebeu as «palmas de ouro» daquela agremiação. O acto foi presidido pelo sr. dr. Júlio Dantas, que se vê na gravura com o agraciado e vários académicos que assistiram à cerimónia.

# PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO

(Conclusão da página oito)



AS CRIANÇAS REFUGIADAS DA GUERRA, que estiveram em Lisboa durante alguns dias, partiram para a América do Norte. Quando o «Mousinho» largou ferro, os pequenos viajantes agradeceram a nossa hospitalidade com um último sorriso, agitando muitas bandeirinhas portuguesas e americanas—símbolo do seu presente e do seu futuro—como que querendo esquecer o passado.



DURANTE UM DOS RECENTES BOMBARDEAMENTOS DE LONDRES, foi atingido um hospital, onde, infelizmente, o número de vítimas foi grande. A bomba perfurou o edifício e os vários andares sofreram prejuízos avultados. A fotografia mostra um grupo de enfermeiras removendo os escombros numa das enfermarias.

França jamais agiria contra a sua antiga aliada, declaração com a qual Churchill se manifestou satisfeito.

A questão, inserida no quadro geral dos principais interesses britânicos e dos objectivos alemães, é entre esses dois homens representativos de duas opiniões opostas, jogando cada qual no seu trunfo: — o general De Gaulle e o almirante Darlan. O futuro da França será o da bandeira política que sair vitoriosa.

E sobre isto também deveriam ter conversado, no Brenner, Hitler e Mussolini.

E talvez seja por causa dessa conversa que o general Smuts, voltado para Washington, clamou da capital sul-africana: *Venham de-pressa!*

### TRÊS DISCURSOS E A MESMA CRISE



CHURCHILL

A semana fechou num esfusiar de oratória. Como se marcassem encontro nas mesmas páginas das gazetas no dia 11—Churchill, Mussolini e Darlan falaram todos ao mesmo tempo, o que talvez desorientasse leitor desprevenido ou redactor de serviço pouco afeito a tanta abundância.

Começando pelo último, Darlan não adiantou coisa digna de nota depois dos calorosos protestos contra a invasão da Síria. Repetiu pouco mais ou menos o diapasão da confiança na Alemanha e avisou de que o menor desvio da França da linha da colaboração franco-alemã em que Laval e ele, Darlan, a colocaram, poderia autorizar Hitler a dar por nulo o armistício, o que seria um suicídio.

Mussolini veio à Câmara Corporativa explicar os trâmites da Campanha da Albânia, de-certo havendo em conta os rumores da opinião pública. Não é isto, porém, o que mais importa na sua oração, proferida depois da entrevista no Brenner, senão a sua abstenção de referências à França, a quasi ridicularização das ameaças norte-ame-

ricanas pois Roosevelt por mais que faça, não chegará a tempo de salvar a Inglaterra, e, finalmente, o convite à Espanha para que aproveite, por sua própria iniciativa, este momento a-fim de se apoderar do que lhe pertence (Gibraltar). Para fecho, a sua confissão de que a Grécia já estava condenada a ser *espaço vital da Itália*.

Churchill, agüentando bem duas interpelações rijas nos Comuns, deu-nos um modelo de estratégia parlamentar, sobre um motivo difícil: as causas da perda de Creta. Substancialmente, é o caso que faltaram, além dos aeródromos para a R. A. F., a artilharia anti-aérea para combater a aviação alemã, caída em chusma sobre a ilha. Sabia no entanto o governo de tais carências. Não podia, dada a inferioridade em que se encontra quanto a armamento dessa espécie, desfalcicar posições essenciais: as ilhas britânicas e Suez. Ordenou, porém, a resistência a todo o transe e ela permitiu absolver o esforço do inimigo, reconquistar o Iraque e abrir agora a campanha da Síria. E rematou: — «só há uma resposta à derrota, é a vitória», meridiana verdade que esta, como todas as guerras desde que o mundo é mundo, continuará a ensinar sobre cadáveres e escombros.

## Vida MUNDIAL

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

### DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.<sup>o</sup> Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



O FILHO DE ROOSEVELT, que ante-ontem chegou a Lisboa, esteve recentemente no Extremo e no Médio Oriente. Vêmo-lo na foto a falar com o general Wawell.



Nos lindos dias de verão...

PODE FIXAR TUDO QUANTO É BELO COM UMA MÁQUINA FOTOGRAFICA

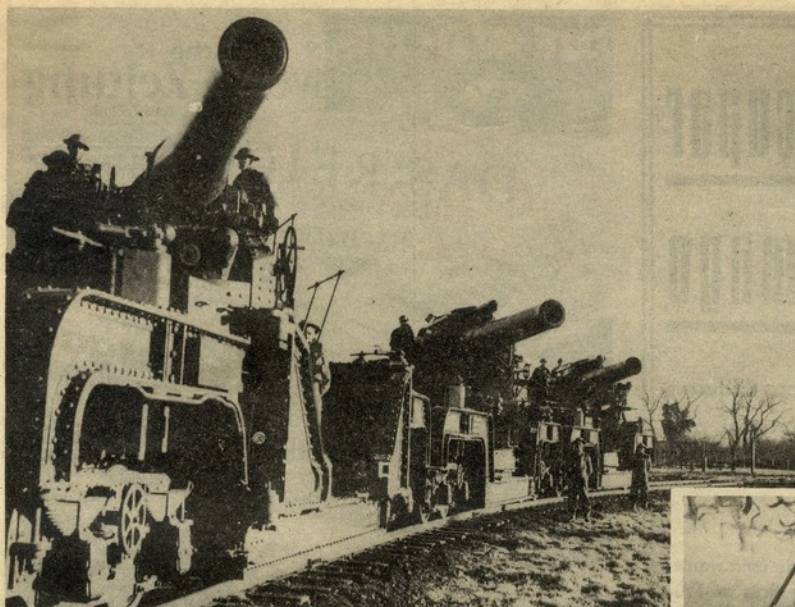
**Ferrania**  
GUSTA SO 60,00

J. C. ALVAREZ, L.<sup>da</sup>  
Tudo para Fotografia e Cinema

205, R. Augusta, 207 — LISBOA

# Artilharia BRITÂNICA

em três Continentes

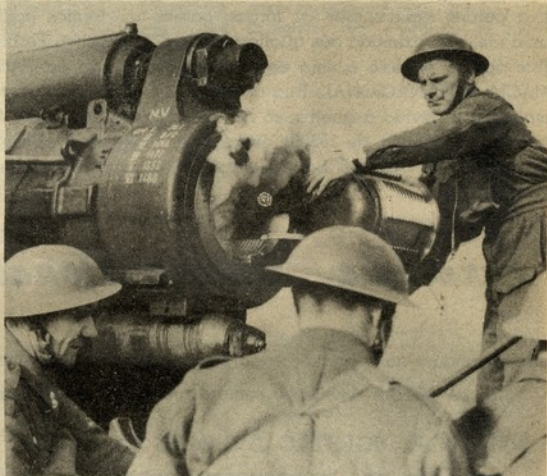
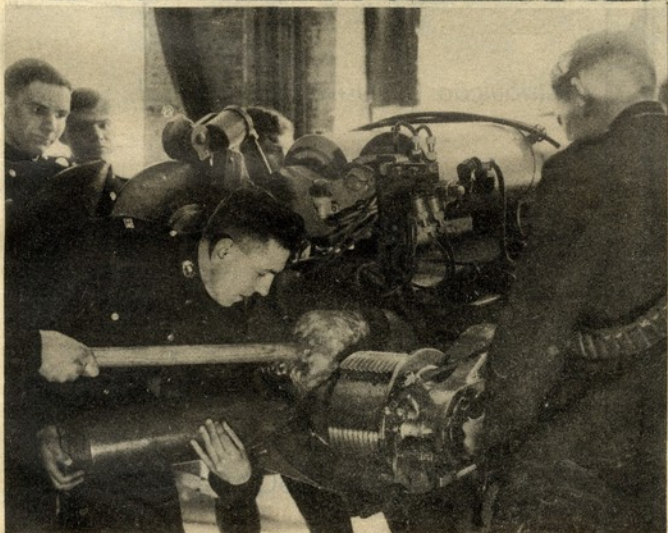


OS CANHÕES DO EXÉRCITO INGLÊS estão agora a postos nos três continentes onde a guerra alastra: na Europa, na Inglaterra; na África, no Egito, na Cirenaica e na Abissínia; e na Ásia, na Síria e no Líbano. A foto, em cima, mostra-nos uma imponente formação de canhões de longo alcance montados sobre carris de ferro — peças que se encontram, principalmente, na defesa dos numerosos objectivos das ilhas britânicas



A LUTA EM ÁFRICA, sob um sol abraçador, um calor escaldante, é difícil para os contendores. Há, por vezes, que lutar com o tronco nu e um pano atado na cabeça, que não suporta o capacete — como esse soldado da artilharia do exército imperial do Nilo, que vemos na gravura à esquerda, em plena faina de reabastecer o canhão que está confiado à sua guarda numa das zonas de defesa de Tobruk.

NA EVENTUALIDADE DO ATAQUE À INGLATERRA, multiplicam-se, todos os dias, os treinos das numerosas forças encarregadas da defesa contra a invasão. Vemos na foto em cima, à direita, a guarnição duma peça anti-tank em manobras na costa oriental inglesa.



UMA PEÇA DE SEIS POLEGADAS VAI FAZER FOGO. Isto que nos mostra, num curioso instantâneo, a foto da esquerda, é episódio vulgar na lida do mar, a bordo dos barcos da marinha de guerra.

NA SÍRIA, A MODERNA ARTELHARIA DE CAMPANHA tem tido um papel importante na condução do avanço das forças britânicas. A foto em cima, à direita, mostra-nos um aspecto emocionante da luta. A peça acaba de disparar. Uma nova granada vai entrar.

# Deixe de se preocupar com o seu estômago

Existe um excelente específico, gabado por milhares de pessoas de tôdas as terras de Portugal, que não tem igual na rapidez dos efeitos, nem do bom paladar.

Ferve no copo (efervescência) e tem o gosto de uma riquíssima limonada. Trata-se de uma composição de Sais de Frutas, de Magnésia Bismutada e de Sais de Fontes Célebres. Bebe-se com agrado. Não há azia que resista a este bom remédio. Chama-se Sal Digestivo Ferba. Com êle não há digestões difíceis. Pode-se comer de tudo. Mesmo tomando-o sempre, nunca cria o hábito. É bom, pode usar o Sal Digestivo de confiança. Não ficará desiludido, qualquer que seja o seu desarranjo gástrico. O Sal Digestivo Ferba é o mais moderno de todos os remédios que reeducam o estômago.

Geralmente, basta um frasco para que o estômago fique completamente bom. Na maioria dos casos, nem é preciso tomar todo o conteúdo de um frasco. Neste caso, não se perde nada, porque o Sal Digestivo conserva-se indefinidamente. Nos casos incuráveis, tomando-o sempre, o doente chega a esquecer-se do seu mal. O Sal Digestivo Ferba é completamente inofensivo. Pode ser tomado por crianças, doentes com dieta, depois de uma refeição copiosa, etc., etc.

Nunca deixará de dispor bem a pessoa que o usar. Digno de nota é também o facto de o Sal Digestivo regularizar os intestinos, suprimindo a temível e perigosa prisão de ventre. Estimula a acção do fígado. Activa a secrecção biliar. Se dissermos que o Sal Digestivo Ferba actua ainda como fortificante do organismo inteiro, muito importante para as pessoas que sofrem do estômago, as quais têm tendências a emmagrecer e a perder rapidamente as forças, parece-nos termos dado uma ideia aproximada das qualidades do Sal Digestivo Ferba. Este óptimo produto é uma especialidade exclusiva da FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228 — Lisboa. (Neste momento e devido à guerra, só há um tamanho de frasco: o grande, económico, de 15\$00). Peça o Sal Digestivo Ferba no seu fornecedor habitual. Se não encontrar, escreva um simples postal à

## Farmácia Internacional

que o mandará na volta do correio, sem mais despesa alguma.

Tôdas as pessoas devem ter sempre presente este axioma:

**UMA BOA DIGESTÃO É A MÃE DA SAUDE.**

**O SAL DIGESTIVO FERBA**

**GARANTE-LHE ESSA BOA DIGESTÃO**

Esta farmácia encontra-se hoje aberta até às 24 horas



Distribuição exclusiva em Portugal:

Agência

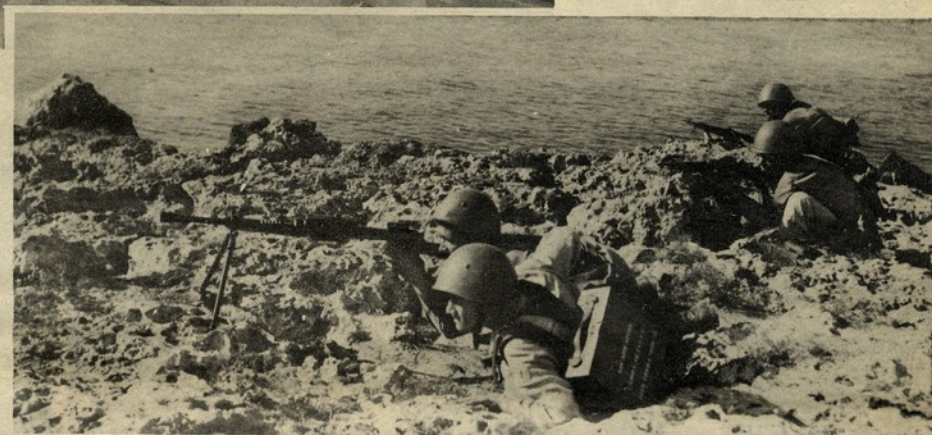
Internacional

119, Rua S. Nicolau-LISBOA-Apartado 373

*A cooperação da*  
**ITALIA**  
*na batalha*  
*de Creta*



TROPAS DUM CORPO EXPEDICIONÁRIO ITALIANO embarcam para Creta onde vão colaborar com as tropas alemãs na ocupação da ilha.



DESEMBARCADAS, começam imediatamente a entrar em acção contra as forças defensivas.



O AVANÇO ATRAVÉS DO TERRITÓRIO PROSEGUE até se conseguir a ligação com o exército do Reich.

NUMA BASE DE HIDRO-AVIÕES ITALIANOS, os aparelhos preparam-se para os ataques às forças navais inimigas. No primeiro plano, vê-se, em acção, um pósto de defesa anti-aérea.



OS ALUNOS DA ESCOLA OLIVEIRA MARTINS foram ao cemitério da Lapa, no Pôrto, depôr uma coroa de flores no coval de Silva Pôrto — homenagem ao herói que tanto engrandeceu o nome de Portugal no sertão africano.



NO INSTITUTO ESCOLAR DA ORDEM DA TRINDADE, efectuou-se a sessão solene do encerramento do ano lectivo. Na foto, em baixo, vê-se um aspecto da cerimónia, quando o sr. dr. Francisco Maria de Sousa distribuía os diplomas aos alunos mais applicados.



A SR.ª D. ADELAIDE FREITAS GONÇALVES fazendo, no Instituto de Cultura Italiana, do Pôrto, a sua conferência sobre a vida e obra do grande compositor Donizetti.



O SR. MINISTRO DA FRANÇA (à esquerda) entregando as insignias de cavaleiro da «Legião de Honour» ao sr. Conde de Villas Boas.

O BARÃO D'ALEXANDRY ORENAGIANI, cônsul da França no Pôrto, com o vice-cônsul, sr. Wernet, e o eng. Custódio Guimarães, na sede da Léga dos Combatentes da Grande Guerra (em baixo).

# Vida do PÔRTO

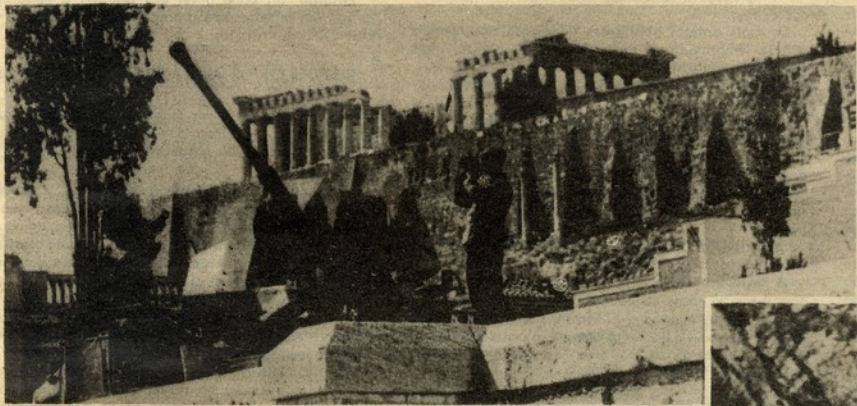




# A máquina de guerra do REICH

Na Zona do Mediterrâneo

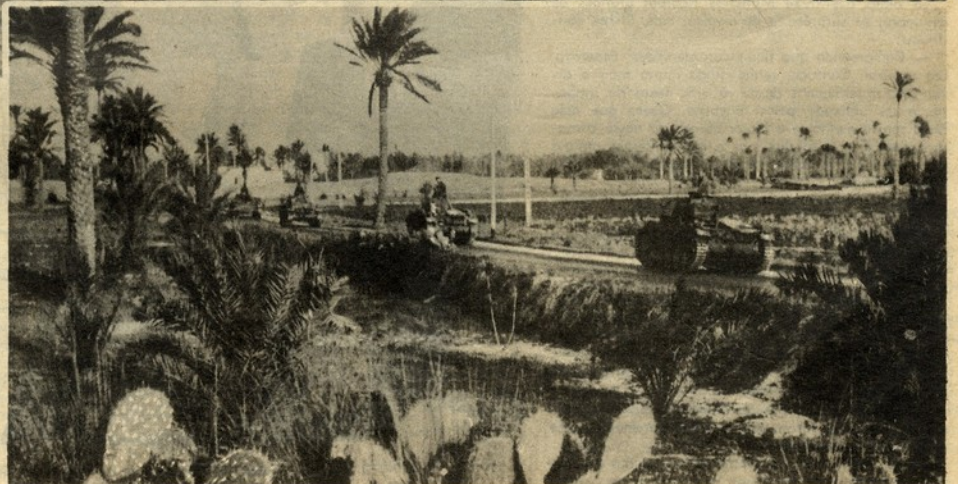
O MARECHAL VON BRAUCHITSCH, chefe do Exército alemão, acompanhado de alguns oficiais do seu Estado Maior, inspeciona o material de guerra apreendido na Grécia.



A D. A. C. ALEMÁ, colocada agora entre as veneráveis ruínas e os mais famosos monumentos de Atenas, protege a capital grega dos ataques da aviação inimiga. — TROPAS ALPINAS DO REICH (à direita) avançam em Creta com os seus animais de tiro próprios.



ARTELHARIA ALEMÁ, puxada por carros blindados, atravessa um rio cujas pontes haviam sido dinamitadas pelas forças inimigas.



NO LITORAL DO NORTE DE África numa paisagem de beleza e melancolia, as unidades motorizadas alemãs deslocam-se em direcção aos seus objectivos

# História duma grande guerra

por Antonio Botto

**M**

A muitos anos os macacos falavam como falam os homens.

E viviam misturados os homens com os macacos.

Entanto, viviam mal.

Os homens não se davam bem com os macacos porque o homem considerava o macaco um animal inferior.

Nunca um macaco passava perto de um homem; passava sempre de largo.

Durante muito tempo tudo isto assim sucedeu até que um dia nasceu um Príncipe trigueiro nesta grande cidade à beira-mar debruçada.

E este Príncipe trigueiro não manifestava desprezo nem ódio pelos macacos; não senhor, pelo contrário...

Certa manhã, teria o Príncipe talvez uns doze anos, reparou como fôra brutalmente castigado um macaquinho amarelo que ficara todo ensanguentado, mas, como ponde, pôs-se a correr e lá ia a coxear das pancadas que lhe deram até desaparecer ao longe numas árvores cinzentas, pequeninas e redondas.

— Meu pai, porque foi castigado, porque foi que bateram tanto com um pau naquele macaquinho tão engraçado?, perguntou o Príncipe a chorar com pena do macaquinho.

— Porque o macaco é um animal inferior e não serve para nada.

— Será, mas é nosso irmão.

O pai do pequeno Príncipe ia ralar com seu filho quando este percebendo a descompostura já a desenhava-se no olhar do autor dos seus dias se afastou sem mais palavras.

Então, o Príncipe trigueiro sentiu que deveria de futuro guardar a sua piedade pelos macacos sem que ninguém a presentisse.

— Se um dia subir ao trono e for proclamado rei darei aos macacos uma melhor situação: macacos e homens serão tratados igualmente; as mesmas vantagens; os mesmos direitos; a mesma vida, porque uns e outros são uma e a mesma coisa. Só num aspecto diferem: há mais honestidade e lealdade entre os macacos.

Passaram-se vinte anos, e o velho rei falecia de uma dor de cotovelo.

Seu filho subiu ao trono.

— Meus ministros e vassallos; agora que sou vosso rei decreto esta lei humana que vem do meu coração: macacos e homens podem viver de hoje em diante nas mesmas casas e gosar das mesmas regalias. Podem discutir política sem terem preparação; podem ir ao Foot-ball, ao Cinema, ao Teatro, às Toiradas, às Exposições de pintura, a festas de caridade, e a outros divertimentos que tenham cunho elegante e não sirvam para nada.

Poderão matricular-se nos liceus, concorrer às Embaixadas, — numa palavra: estabeleço a igualdade em todos os campos da vida e em todos os pormenores entre macacos e homens.

Os olhos dos treze Ministros ficaram grandes de assombro, de surpresa, e de revolta, mas, El-rei, continuou:

— Compreendo que ficais surpreendidos. Esperava. Era natural. Contudo, tenho ainda muito mais a dizer-vos: organizemos desde já uma festa de simpatia e de amizade pelos macacos. Quero que essa festa seja o melhor e o maior abraço da nossa camaradagem. É preciso que uns e outros sejam amigos ou irmãos. Os ministros ficaram calados. Não arriscaram palavra.

O rei teria enlouquecido? pensavam eles os ministros.

E o mais velho adiantou-se, a coçar no queixo, na careca, e a coxear, exclamou:

— Magestade! Ó Magestade!

— Não quero ouvir coisa alguma que possa aborrecer-me! Se vens falar-me com simplicidade, sem rodeios, e sem mentira, podes falar e eu ouço; mas, se pretendes mascarar a verdade e advogar qualquer intenção duvidosa sem beleza e sem moral, não percas tempo, — entendeste?

Arrastados, silenciosos, os Ministros, baixaram todos as cabeças e foram saindo e desaparecendo como sombras vagarosas...

Nesse mesmo dia um emissário do rei dos homens

foi ao sítio dos macacos e diante daquêlo que pela sua muita idade era o velho soberano da macacada, disse, numa voz de timbre agradável:

— El-rei dos homens, meu amo, quero que sejam irmãos. E quer, também, festejar esse grande acontecimento na história do mundo com uma bela festa. Aceitai, pois, o convite que vos faço em nome de El-rei, meu senhor.

— Agradeço e lá iremos, respondeu o rei dos macacos.

Os mais antigos habitantes da cidade dos homens não se lembravam de outra festa mais bonita, mais rica, mais animada.

Bandeiras, festões de verdura, e alegria, muita alegria!

Largas mesas com frutas e peixes, assados, e galinhas assadas, e perdizes assadas, e leitões assados, e berrões assados, e cabritos assados, tudo muito bem assado, e em cada esquina da cidade dos homens uma grande pipa de vinho à descreção de quem queria beber. Linda festa! E a cada passo este letreiro:

BENVINDOS OS MACACOS NOSSOS IRMÃOS

A festa era tão bonita que seria patético não rir, ou cantar ou tocar ou dançar.

À noitinha, quando o hálito da noite espalha pelo infinito as estrelas e se presente a saudade do sol na luz nostálgica da lua, o rei dos macacos, apare-

ceu rodeado por trinta e sete liais servidores, que vestiam bibes azues, chapéu alto, e luvas brancas. Mas, o rei da macacada, não parecia tranqüilo. Desconfiava dos homens; desconfiava que eles se arrependessem de levar até ao fim aquela manifestação de gentileza e simpatia.

Duvidava, e essa dúvida punha-o triste e deixava-o aprensivo.

Entanto, ali onde o rei dos homens o aguardava de pé, um letreiro com grandes letras encarnadas dizia:

BENVINDOS OS MACACOS NOSSOS IRMÃOS

Os dois reis — o dos homens e o dos macacos, abraçaram-se, e de braço dado andaram um bocadinho a discutir o efeito do foguete de lágrimas quando rebenta nos ares.

— Vivam os macacos! Vivam os nossos irmãos! gritavam os homens. Viva o rei dos macacos, viva!

Os macacos agradeciam e o seu soberano sorria. Os dentes à mostra muito sujos, em gestos muito massados reverência para a direita e reverência para a esquerda, andavam mortalmente aborrecidos os pobres macacos, coitados!, com mais vontade de se deitarem a correr, aos saltos, livres, à vontade do que andarem para ali curvados em cumprimentos, e amarrados àquelas insuportáveis delicadezas de sorrir, de cumprimentar, de falar, de dizer qualquer coisa — cortezia ou amabilidade, no fundo tudo impostura, mentira, tudo mentira! Mas nisto na grande praça o rei dos homens exclama:



— Até que enfim que chegámos à verdadeira igualdade...

Vida  
MUNDIAL  
Ilustrada

— Macacos e homens, amigos! Chegou, finalmente, a hora de nos divertirmos juntos e juntos ficarmos na vida até ao momento leve da morte.

E a festa principiou.

Linda festa, sim senhor!

Não constava ter havido outra assim tão animada! Mas, como sempre acontece, se a alegria é verdadeira, bebeu-se muito, bebeu-se demais, e não havia um macaco nem um homem que não estivessem bebados.

Gritavam, riam, pulavam; as anedotas, os discursos, as cantigas, as risadas, os idílios, as ternuras, os beicinhos, e os abraços, — havia que ver aquilo!

Os macacos imitavam os homens até na maneira de roubar um beijo; os homens imitavam os macacos até no mastigar da banana, e os macacos partiam as mesas, partiam as loiças, rasgavam os toalhas, faziam mijar nos pratos, insultavam as mulheres, batiam nas crianças, cuspiam no chão e nos copos, — uma paródia original!

Os dois Monarcas pareciam dois bebês; de gatas, aos gratinhos, um e outro em faldra de camisa, faziam rir uma parede! Atraz d'elles, aos bordos, caindo aqui, acolá, seguiam vários macacos...

Tropeçavam a cada passo em pernas nuas de homens de bôrco saltando pragas amáveis e resvalando, escorregavam, em pedaços de fiambre com muita manteiga, em restos de pudim de amêndoa, em cascas de banana e de tangerina e em gorduras de borrego estressalhadas aos bocados...

— Homem, senhor, e el-rei!, principiou o velho soberano dos macacos.

O outro tentava abrir o olho direito, fazia esforços para abrir o esquerdo, e às piruetas para poder agüentar-se de pé fazia rir uma ovelha se ali estivesse uma ovelha. E as ovelhas até hoje não têm achado piada aos ridicúlos do homem. Por fim, este magestoso rei, cambaleou, e caiu, e adormeceu, e ficou a ressonar de asobio.

Então, os macacos presentes, — macacos, macaqui-nhos, macacões, sentiram a tentação e o desejo de uma simples partidinha ao rei dos homens. Uma gracinha, uma só!

Agora, a madrugada, aparecia tôda vestida de côres: amarelo, azul, encarnado, lilaz, verde, roxo, castanho, — e a Vasta Eldade acordava, e os homens seguiam para as suas várias occupações ao mesmo tempo que um vibrante som de clarim e o bater de muitos tambores se ouviam entre cantigas de firme sabor marcial.

No meio da praça maior lá estava o primeiro ministro sentado a cheirar amoniac com o calção vomitado e o alhar de carneiro mal morto inclinado para os calcanhares. Trêmula mente, murmurou:

— O nosso rei, povo amigo, não está no seu colchão real de sumama da melhor; não dormiu na sua cama, e é preciso procurá-lo.

Já mandei formar as tropas; duzentos e cincoenta mil exércitos estão preparados e armados de carabinas austríacas, tanques de guerra construídos na Rússia, metralhadoras das mais perfeitas, das que atingem o inimigo a quinhentos mil quilômetros por segundo, sem falar na aviação que é a mais bem organizada do mundo, não só pela quantidade de aparelhos que temos: oitocentos e cinco mil de bombardeamento e seiscentos e oito mil de caça, a mais modelar e fantástica máquina de destruição que até hoje foi possível inventar e construir, está nos nossos aeroplanos. Cada aparelho das nossas poderôzix novecentas e doze mil toneladas de bombas incendiárias e largar por minuto quinhentos mil quilos de metralha.

A procura de El-rei! Vamos procurar El-rei! gritavam todos em coro. — Queremos o nosso rei, gritavam ainda com mais força.

Três meninos serigaitos muito encardidos, as carus sujas de puré de legumes, ramielosas, e descalços, apareceram aos pulos, e numa forte algazarra:

— Nós sabemos onde elle está; nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos...

Atraz dos meninos serigaitos, marchavam as mulheres, atraz das mulheres marchavam os homens, e atraz dos homens os Ministros, e atraz dos Ministros um burro, e atraz do burro um papagaião.

Na verdejante aldeia dos macacos assentadinho sobre a erva de um piqueno e simpático parque e de costas para uma olaia, El-rei, dormia e sono solto, e ressonava assobiando como os melros.

Cortaram-lhe o loiro cabelo, e a cabeça redondinha amareleta e lustrosa brilhava ao sol da manhã como se um melão maduro ali se oferecesse humilde ao primeiro caminhante...

Os bigodes enfeitados com murta e goivos e papoais; na garganta um loçarote de papel pardo; a cara pintada com bôrra de vinagre, as mãos otadas com retroz, ao pescoço um colar de bananas, e o corpo todo envolvido em fôlhas frescas de platano.

E como se tudo isto não bastasse, aos pés estava um cartaz com estes dizeres escritos a cal num fundo negro:

O REI DOS HOMENS É ISTO!

A morte, os macacos!, berrava o povo maguado com a traça e com aquela falta de respeito a um monarca, a um soberano.

El-rei acordou, e os ministros levantaram El-rei. Alguns sorriram; outros largaram a rir escancarado as bocarras.

El-rei chorou: era o fim da bebedeira.

— Enganei-me, povo amigo: a semente é uma coisa, a flor é outra, e o fruto é outra. Três coisas inteiramente distintas tendo, entanto, a mesma origem. Sim enganei-me. E é urgente que se faça divisão entre os macacos e divisão entre os homens. Não pode haver igualdade. E dizendo isto tossia levando as mãos à garganta seriamente atrapalhado. — Não pode haver igualdade! Seria a morte da vida. Seria matar o sonho e o sonho é sempre para o homem o que a luz é para o mundo. Igualdade!, ó igualdade! Aonde se encontra o sentido desta palavra vazia?

Nada é igual. Até o amor vario mesmo quando se repete.

— Uma sova nos macacos! Vinguem os bixo homem!, gritava uma rapariga.

— Acho pouco disse El-rei. Vou construir tribunais, efectuar julgamentos, publicar condenações.

Rufando tambores e ao som dos clarins os homens entraram armados na aldeia dos macacos.

A guerra!, gritavam uns. À morte! gritavam outros. E o rei? Onde está esse fantoche? Não é rei, é um fantoche.

Fantoche, não; sou um rei. Mais selvagem, mas, mais puro: e a pureza é uma virtude. Aqui estou: trazeis-me um novo convite?

— Se é convite vingar uma afronta, sim senhor, e que trazemos é um convite.

— Mas nem eu, macaco régio, nem a minha gente, certamente, foi capaz de ofender o vosso rei ou um homem da vossa nobre cidade!

— Pois está enganado: os vossos macacos, a vossa gente, como dizeis orgulhoso, insultou o rei dos homens e o mais gravemente possível.

Vestiram-no com fôlhas de platano, cortaram-lhe o cabelo, enfeitaram-lhe os bigodes, pintaram-lhe as mãos e a cara, e puzeram-lhe ao pescoço um colar de bananas verdes, acha pouco?

— Isso foi uma brincadeira infantil motivada pelos excessos do vinho.

Ah!, chamas-lhe brincadeira? Foi insulto e muito grave. E o meu rei não merecia tamanha falta de respeito. Abusaram; não souberam compreender o seu gesto, a sua bondade de pretender igualar aos homens os macacos, de os unir num grande e fraternal abraço, mas viu, tristemente, que não é possível, estabelecer a igualdade na vida. Uns nascem para servir e obedecer, e outros para mandar. Não pode haver igualdade! Infelizmente, não pode! El-rei foi um visionário, mas, está arrependido. Os bixos são bixos e os homens são homens. Tentar ligar uns e outros foi uma triste loucura. Se entre os homens a rivalidade e o ódio são o pão de cada dia como seria possível meter os bixos no caso?

Grande loucura de El-rei! Mas, basta; falei de-mais. A minha credencial inclue a ordem de prisão. Sois nossos prisioneiros.

O rei dos macacos nem pestanejou. Voltou-se para a macacada e disse numa voz velada de tristíssimo sabor: — Vamos! El-rei dos homens mandou um seu ministro prender-nos; devemos obedecer.

Apregoaram tanta igualdade que o resultado não poderia ser outro: uns vão acabar à fome na cadeia porque brincaram sem respeito determinados preconceitos; outros, vivendo à rédea solta com leis e decretos que elles próprios fabricam, — mas só para os outros!, continuarão na mesma hipócrita attitude de parecerem pugnar pela moral e pelo bem.

E com effeito lá foram presos à ordem de El-rei. Eram milhares de macacos de todos os tamanhos, de tôdas as côres, e os rabos — uns muito compridos e delgados; outros, grossos e curtinhas, davam ainda mais movimento aquella parada de macacos marchando prisioneiros à ordem de El-rei dos homens.

Quando chegaram, o primeiro ministro, appareceu sem clarinho a uma varanda do palácio e declamou, com um garfo na mão direita, este breve discurso:

— Regressámos victoriosos e a afronta a El-rei será duramente expiada.

— Isso não tem só piada tem um piadão, dizia um velho boticário que não ouvia muito bem.

E o Ministro continuava: Como as prisões vão ficar abarrotadas de macacos, atulhadas até à porta, os homens, de hoje em diante, nunca mais serão presos a não ser que os macacos morram de aborrecimento ou de saudade.

— Ou de frio e de fome, gritou o rei dos macacos.

— Ou de estupidez, atirou a rir uma macaca desiludida do amor.

— Não consinto que me interrompam, exclamou o primeiro Ministro.

— Silêncio! gritaram vários homens de chapéu de côco.

E o primeiro ministro continuou: Os que não cou-

berem nas cadeias ficam nas casas de banho e nos patamares amarrados ao corrimão das escadas, e os que sobramem, ficarão como escravos das nossas vidas para o que for necessário. Cada pessoa pode requisitar desde já os macacos que precisar numa fôlha de papel almaso de vinte e cinco linhas embora o fornecimento só possa ser effectuado depois de terem entrando nas cadeias aqueles que lá couberem.

E de hoje em diante os trabalhos que os homens faziam passavam a ser desempenhados pelos macacos. Uma salva de palmas rebentou de todos os lados. Aquella abolição do trabalho caía muito bem entre os homens. Cada mesmo muitíssimo bem. E creio que hoje se um Dittador ou um Rei ou Presidente ou um Chefe, decretasse a mesma lei, a alegria, o contentamento, o entusiasmo dos homens seria maior ainda.

Procedeu-se à divisão dos presos pelas várias cadeias, e desde esse dia, nenhum homem trabalhava na velha e grande cidade.

Os homens mandavam; mandavam e nada mais. E os macacos trabalhavam.

E o tempo passou; passaram dias; passaram meses e anos.

Nas prisões, os macacos, morriam, e as glândulas eram aproveitadas para o rejuvenescimento das pessoas de alta roda, e os que ficaram como escravos dos homens já não podiam suportar aquella cruel sujeição.

Revoltados, uma noite, um dos macacos pensou: E se o rei dos macacos falasse ao Monarca dos homens peidando-lhe um pouco de clemência, menos dureza, menos chicote, e um pouco mais de liberdade, não seria uma idéia?

— Boa idéia, boa idéia!, disseram os outros macacos.

E o soberano vencido pediu ao soberano vencedor clemência e um pouco de liberdade para elle e para a sua gente.

— Tu falas em liberdade? Não quero ouvir essa palavra pronunciada por ti.

A clemência que me pedes é decretar mais uma hora de trabalho. Tu e os que ficaram como tu escravos das nossas vidas passam a trabalhar diáriamente das sete da manhã ás sete da tarde.

O rei dos macacos calou-se, mas, dias depois, voltou a falar a El-rei:

— Voltaste a incomodar-me com a mesma ladainha? Mais uma hora de trabalho: Das sete da manhã ás oito da noite será o vosso novo horário.

— Seja, magestade, seja!

E passados uns dias insistiu na mesma súplica dolorosa.

— Outra vez?!, dizia o rei dos homens, aos berros, furioso, e aos saltos. Outra vez, velho macaco?

— Sim, Magestade; outra vez. E tantas outras voltarei até conseguir tocar no vosso mau coração.

— Que me dizes tu macacão?

— Só isto, real senhor!, Pedir justiça e piedade. Não peço igualdade, não!

— Mais três horas de trabalho, gritou El-rei alucinado. Começam ás seis da manhã e largam ás dez da noite, e se voltas a pedir-me clemência decreto que te cortem a língua e a todos os da tua raça!

Um pouco assustado, o velho rei dos macacos resignou-se ao seu destino e aconselhou paciência e fé a todos os macaquiños, macacos, e macacões.

Nas cadeias todos os dias morriam vários macacos. E alguns homens foram presos por burla e por vaidagem.

— Até que enfim que chegámos à verdadeira igualdade dizia um jovem macaco a um homem de fato cinzento e pulseiras no braço direito. Aqui é que somos todos iguais; e pelo que se vê parece que só a desgraça conduz à fraternidade universal!

Aqui, sim; agora, sim; agora, somos iguais; Agora, somos irmãos!

Anoiteceu de repente.

Lá fora pelas ruas da cidade, havia tiroteio violento e gritos e correrias e choros e ais e gemidos.

— Viva a liberdade!, era o clamor da macacada.

— Cortem a língua a esses doidos! berrava o primeiro Ministro à porta de uma barbearia.

— Fujam!, exclamavam os petizes amigos dos macacos.

E os macacos, todos os macacos, tôda a família dos macacos, excepto os que ficavam nas prisões, todos quantos suportaram a negra escravidão dos homens e num momento de revolta colectiva abandonaram os seus postos de sacrificio, se refugiaram na selva onde ficaram e onde vivem.

Continamente os macacos aguardam a invasão dos racionais, e a cada momento os macacos são mortos e perseguidos. Mas ainda bem que assim sucede porque no dia em que o homem não encontrar divertimento e prazer em perseguir os macacos e outra bixarria — a caça ao leão, à pantera, ao elefante, às codornizes e às moscas, no dia em que o homem desprezar essa velha distração, — a inveja, o ódio, a hipocrisia, e todos os mais componentes da sôrdida comédia humana, apparecem multiplicados, no homem inimigo do homem.



A MILHARES E MILHARES DE QUILÔMETROS de distância da Europa, uma guerra sem trégua, violenta e cruel, desenrola-se há anos. China e Japão lutam pelo «equilíbrio» na Ásia oriental. Kung-King, onde Chan-Kai-Chek instalou a capital provisória do seu país, volta, de novo, a ser bombardeada pelos aviões japoneses. Os incêndios multiplicam-se, as chamas sobem alto. Centenas e centenas de pessoas ficam sem abrigo. A velha cidade do interior transforma-se, certa manhã, num braseiro imenso. Mas o fogo extingui-se-á—e a guerra continua.

# XUNG-KING

*bombardeada pelos japoneses*